

MISSÃO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS DE LUIZ HEITOR
CORRÊA DE AZEVEDO AO RIO GRANDE DO SUL (1946):
MOTIVAÇÕES, TRATATIVAS E NEGOCIAÇÕES INSTITUCIONAIS E
INDIVIDUAIS

*FOLKLORIC RESEARCHES MISSION OF LUIZ HEITOR
CORREA DE AZEVEDO TO RIO GRANDE DO SUL (1946):
INSTITUTIONAL AND INDIVIDUAL MOTIVATIONS, DEALINGS,
AND NEGOTIATIONS*

Reginaldo Gil Braga¹

RESUMO

Este trabalho discute as motivações, tratativas e negociações para a vinda de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo ao Rio Grande do Sul (1946) como parte do conjunto de missões de pesquisas folclóricas realizadas também em Goiás (1942), Ceará (1943) e Minas Gerais (1944). Para isso, foram analisadas as cartas, trocadas entre Luiz Heitor e o professor do Instituto de Artes, Enio de Freitas e Castro, também presidente da Associação Rio-grandense de Música, nas quais aparecem os interesses e acordos firmados entre esta instituição e o governo do estado para tornar possível a vinda do pesquisador a partir de convite feito por Enio. Foram feitas buscas em jornais de Porto Alegre, onde encontramos notícias que destoavam dos interesses manifestados por Azevedo nas cartas e do que foi realizado pela missão. Nelas, ele expõe o desejo de gravar no RS, em discos, também músicas de caráter “negro-fetichista”, porém, nos jornais são citados apenas registros luso-brasileiros. Esta questão foi levantada por Braga (2004) e, posteriormente, retomada por Aragão (2006) e Prass (2009). A fim de confrontar as informações existentes e levantar novos materiais, realizamos pesquisas no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, detentor do arquivo pessoal do professor Enio e da ARM. É a partir dessas novas fontes de arquivo e jornais, que buscamos compreender as motivações da vinda de Luiz Heitor ao estado, relacionada a um inventário da paisagem folclórico-musical do país inaugurado por Mário de Andrade. Além disto, buscamos situar especificamente a missão do RS no contexto histórico da década de 40, do século passado: ao governo nacionalista de Getúlio Vargas, bem como às diretrizes adotadas durante a segunda guerra mundial no âmbito internacional, nacional e regional, de maneira a compreender as tratativas e negociações que possibilitaram sua realização.

Palavras-chave: Missões de Pesquisas Folclóricas; Luiz Heitor Corrêa de Azevedo; Música Popular do Rio Grande do Sul

1 Etnomusicólogo, professor do Departamento de Música e PPG Música da UFRGS.

ABSTRACT

This paper intends to discuss motivations, dealings, and negotiations for the coming of Luiz Heitor Corrêa de Azevedo to Rio Grande do Sul (1946), as part of folkloric research missions held in Goiás (1942), Ceará (1943), and Minas Gerais (1944), too. For this, it were analyzed the letters exchanged between Luiz Heitor and Enio de Freitas e Castro, professor at Institut of Arts and president of Riograndense Association of Music, which revealed the motivations, and the dealings between RAM and the government of Rio Grande do Sul in order to facilitate the arrival of Luiz Heitor since Enio's invitation. Researching in Porto Alegre's newspapers, we found news that conflicted with the interests expressed by Azevedo in the letters and what was done by the mission. In them he expressed his will to record in Rio Grande do Sul, on albums, also afrobrasilian religion music, but on the newspapers are mentioned only his will to record lusobrazilian music. This question was raised by Braga (2004), and later continued by Aragão (2006) and Prass (2009). In order to compare the available information and to find new materials, we researched on the Historic and Geographic Institut of Rio Grande do Sul, the owner of the personal archives of Enio de Castro and RAM. Based on these different materials we intend to understand the goals of Luiz Heitor's travel to Rio Grande do Sul, motivated by Mário de Andrade's researches on folklore. In addition, we seek to specifically locate the Rio Grande do Sul's mission in the historical context of the 40's of the last century: in the nationalist government of Getulio Vargas, as well as in the guidelines adopted during the Second World War in the international, national, and regional levels, in order to understand the discussions and negotiations which enabled its realization.

Keywords: folkloric research missions; Luiz Heitor Corrêa de Azevedo; Popular music of Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

A missão de pesquisa folclórica desenvolvida no Rio Grande do Sul em 1946 fez parte do mapeamento musical do território brasileiro realizado por Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, iniciado no estado de Goiás (1942) e, posteriormente levado aos estados do Ceará (1943) e Minas Gerais (1944). Destas três primeiras é possível encontrar análises feitas pelo pesquisador (Centro de Pesquisas Folclóricas, 1950, 1953 e 1956). Sobre aspectos metodológicos e as preocupações teóricas de Luiz Heitor na construção das pesquisas, dispomos de alguns trabalhos acadêmicos: Aragão (2005 e 2006), Mendonça (2007) e Barros (2008 e 2009). Porém, em relação ao que foi registrado no RS, existem pouquíssimas referências, sendo o único material publicado, o catálogo *Relação de Discos Gravados no Estado do Rio Grande do Sul*, organizado pelo Centro de Pesquisas Folclóricas por Dulce Lamas (1959)². Quanto a trabalhos acadêmicos, encontramos 'recortes' a partir dos batiques de Porto Alegre em Braga (2004) e dos Maçambiques de Osório

2 A coleção, inventariada e seguida de breves análises assinadas por Dulce Lamas, está dividida em: Cantos dos Troveiros, As Danças do Fandango, Danças e Cantares Diversos, Música Tradicional de Autos e Celebrações Religiosas e Cantos Negros-Fetichistas.

em Prass (2009a, 2009b). Os únicos materiais que permitem reconstituir em detalhes a vinda de Luiz Heitor, bem como o desenrolar da missão no estado, seriam documentos como cartas, balancetes financeiros e relatórios, documentos pessoais dos envolvidos, além de jornais da época.

Este texto visa a apresentar resultados da pesquisa referente às gravações realizadas por Luiz Heitor em 1946 no estado³ que investigou os meandros da vinda do musicólogo carioca, intermediada pelo professor do Instituto de Artes da UFRGS, Enio de Freitas e Castro. Ao reconstruir a Missão de Pesquisas Folclóricas ao RS, esperamos desvendar as motivações da iniciativa, a qual teve o apoio e incentivo do professor Ênio de Freitas e Castro e da Associação Rio-grandense de Música (ARM) e reconstituir o planejamento e realização da mesma, buscando assim compreender os aspectos políticos, pessoais e musicológicos envolvidos, bem como contribuir para o entendimento do conjunto de missões realizadas pelo pesquisador no Brasil.

Para tal, foram realizadas pesquisas em acervos públicos de Porto Alegre, na busca de documentos e jornais que tratassem da missão desenvolvida por Luiz Heitor e da participação de Enio F. e Castro e outros nomes do movimento folclórico local. Tive acesso, ainda em 2003 (vide Braga, 2004), a documentos, tais como: relatórios, balancetes financeiros e cartas trocadas entre Luiz Heitor e Enio, depositados no Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, instituição guardatária do acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas, criado pelo professor Luiz Heitor, que foram, digamos assim, a motivação da busca por materiais no RS.

Iniciamos pelo Arquivo do Instituto de Artes-UFRGS, onde o professor Enio exerceu sua carreira acadêmica. Outros acervos, tais como: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, Jornal Correio do Povo, Discoteca Pública Natho Henn, Biblioteca Pública do Estado, Biblioteca José Otão-PUCRS e Biblioteca Municipal de Vacaria, foram importantes para a pesquisa de jornais e bibliografia de/ e sobre Enio F. e Castro. A leitura desses artigos e livros, bem como de materiais na worldwideweb, foram úteis na indicação segura da vinculação do referido professor à área do Folclore e, em especial, no reconhecimento da divulgação de suas pesquisas por meio da Comissão Gaúcha de Folclore e dos Congressos Brasileiros de Folclore. A revisão de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses, indicadas anteriormente, forneceram aspectos mais gerais das missões, e baseados estritamente na documentação existente no Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, depositária das coleções.

3 Projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Iniciação Científica da UFRGS.

1 MOTIVAÇÕES POLÍTICAS E PESSOAIS

Em notícia veiculada pelo jornal porto-alegrense *Correio do Povo*, de 27/01/1946, foi divulgada a presença no estado de Luiz Heitor e sua equipe, recentemente chegados do Rio de Janeiro, formada pelo técnico Egídio de Castro e Silva da Escola Nacional de Música e Mary Rowell⁴, encarregada da documentação fotográfica da missão e mais tarde, da sua esposa. Diz a nota: “Esse musicólogo (...) está gravando em disco as variações inúmeras e mais características do musicar da gente sul-rio-grandense”.

No entanto, a presença de Enio de Freitas e Castro, ainda no planejamento da missão, foi condicionante para a efetiva realização do empreendimento, conforme atesta o próprio Luiz Heitor, anos mais tarde na introdução da publicação dedicada ao estado: “Coube a iniciativa dessa excursão à Associação Rio-grandense de Música (ARM), de Porto Alegre, que em fins de 1944 manifestou desejo de promovê-la, sob o patrocínio e com auxílio do Governo do Estado” (CPF, 1959, p. 7). Ou ainda, como enfatizou o mesmo jornal citado: “O professor Luiz Heitor vem ao nosso estado a convite da Associação Rio-grandense de Música e representando o Centro de Pesquisas Folclóricas da Escola Nacional de Música, proceder pesquisas de folclore” (*Correio do Povo* 06/01/1946).

Musicólogo, professor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul nas cadeiras de Harmonia, Contraponto e Fuga, além de Folclore, Ênio de Freitas e Castro (1911-1975) teve ainda carreira como compositor e pianista. No campo político, foi o primeiro Superintendente de Educação Artística e o primeiro Diretor da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação do estado. Fundou e dirigiu a ARM e integrou a cadeira n. 29 na Academia Brasileira de Música. Ainda por sua iniciativa, foram criadas a Discoteca Pública do Estado e o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, além de outras instituições na área da cultura.

Da Associação Rio-grandense de Música, o pouco que sabemos é que foi fundada por Enio em 1937 com o intuito de promover a atividade cultural em Porto Alegre, e que: “Fundou e presidiu por durante 25 anos a ARM, através da qual proporcionou a vinda a Porto Alegre e a apresentação pública de grandes nomes do virtuosismo musical brasileiro e internacional” (*Correio do povo*, 21/6/1977). Como presidente da Associação, ajudou a impulsionar o movimento musical na cidade, convidando músicos de destaque internacional como Magdalena Tagliaferro, Arthur Rubinstein e outros pianistas, violinistas e cantores solistas de destaque para se apresentarem nas principais salas da capital. Os programas consultados com-

4 Esposa de funcionário da embaixada americana no Rio de Janeiro.

provam estas atividades da Associação que tiveram importante impacto na vida cultural do estado e da capital, a exemplo da realização do inventário folclórico no estado.

A atividade de folclorista, estudioso da música popular rio-grandense, parece que começa em 1942 quando publicou o estudo, *Música Popular do Rio Grande do Sul*, na coletânea *Rio Grande do Sul, Imagem da Terra Gaúcha*. Com Dante de Laytano, historiador e folclorista destacado no movimento folclórico local e nacional, e que fez parte do Departamento de Folclore da ARM, trabalhou conjuntamente e no ano de 1945 publicaram por meio dela (Laytano, 1945), interessante documentação sobre o Maçambique de Osório, objeto de interesse de Luiz Heitor no ano seguinte, quando da viagem ao estado. Conforme consta na publicação, Enio ocupou-se das transcrições dos exemplos musicais. Outra obra do pesquisador, *As Cavalhadas de Vacaria*, foi publicada pela Comissão Gaúcha de Folclore no ano de 1954 e apresentada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro em 1951. Fatos que demonstram sua forte vinculação ao movimento folclórico regional (como membro da Comissão Gaúcha de Folclore) e pelas notícias de participações em Congressos Nacionais.

Como Superintendente de Educação Artística do estado, captou o auxílio logístico e o patrocínio financeiro da Secretaria Estadual de Educação e Cultura para realização de uma missão de pesquisas de grande porte. Como amigo pessoal de Luiz Heitor⁵, intermediou a negociação, que ao que parece partiu do interesse deste, porém, como pontuado, Enio já vinha realizando pesquisas no estado. Há, pelo menos, um registro seguro de que, ainda em 1943, por meio do Departamento de Folclore da ARM, pretendia "(...) realizar uma ampla e completa pesquisa em torno do nosso folclore musical, por intermédio de representantes em cada município do estado" (DF, 1943). Para tanto, foram enviadas correspondências a possíveis representantes no interior. Por meio da notícia de jornal intitulada *Departamento do Folclore da ARM* (Correio do Povo, s/d), sabe-se que a iniciativa contou com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico do RS para onde deveriam ser enviadas por correspondência, todas as contribuições, bem como faria o arquivamento do material. Ao que parece a campanha não se efetivou, de fato.

5 Em uma das cartas trocadas com ele, Enio demonstrou esta intimidade quando disse: "Não é nada demais que, numa viagem longa, você traga sua esposa. Garanto-lhe que ninguém reclamará se ela realmente vier. Pelo contrário ... ficarão todos encantados. E naturalmente, você correrá o risco de levar uma surra de Ylah se vier solteiro. E não garanto nada que não auxilie ..." (Carta 183/ 864). No arquivo pessoal de Enio encontramos registros de cartas trocadas com Luiz Heitor mesmo depois que este se mudou para Paris a serviço da UNESCO.

Luiz Heitor pretendia com as quatro missões de pesquisas que empreendeu pelo Centro de Pesquisas Folclóricas, fundado por ele em 1943 na Escola de Música da Universidade do Brasil (onde também foi professor de Folclore desde 1939), enriquecer, intencionalmente, o quadro traçado por Mário de Andrade de mapear as principais regiões folclóricas do país.

Na viagem ao estado o pesquisador carioca, buscou registros que pudessem aproximar o fazer musical gaúcho aos materiais coletados em outras regiões do país. Este interesse ficou explícito quando disse no preâmbulo da *Relação dos Discos Gravados no estado do Rio Grande do Sul* (CPF, 1959, p. 4), único texto seu do volume: “O Rio Grande do Sul Clássico, logo evocado pela imaginação de cada um de nós, é o da região fronteira, dos pampas e da peonada.” E justificou mais adiante a escolha pela região serana do estado, assim:

(...) foi o desejo de conhecer até que ponto a tradição musical genuinamente brasileira, pertencente a um ciclo que não podia ser o das danças e canções de cunho gauchesco, cultivadas nos confins do estado e do Brasil havia podido penetrar e ser aceita pelas populações (Ibidem, p. 4).

As cartas trocadas entre ambos, em 1944, quando do planejamento da missão, demonstram as vicissitudes e os encaminhamentos necessários para a efetivação desta. Em carta enviada a Luiz Heitor, Enio disse:

Por mim, mostrar-lhe-ia todo o Estado e faríamos gravações nas mais diversas regiões, para termos depois um verdadeiro mapa folclórico-musical do Rio Grande do Sul (Carta 192/ 873).

Na verdade, sugeriu na carta uma lista das regiões a serem visitadas, a fim de se ter um panorama do contexto folclórico local e se colocou à disposição para dar continuidade aos registros caso não conseguissem fazê-lo em uma só tomada. No entanto, alertou em outra carta, das vicissitudes do apoio do governo do estado:

Temos que orientar o trabalho para o que for genuinamente riograndense. Essa questão dos negros talvez não esteja nesse caso [grifo meu]. Segundo me declarou o Secretário da Educação o seu ideal é a defesa da cultura ‘lusu-brasilei-

ra'. E por estar a pesquisa de folclore proposta dentro desse ideal é que ele aceitou. Enfim, depois de iniciados os trabalhos poderemos ver o que mais convém (183/ 864).

2 TRATATIVAS E NEGOCIAÇÕES MUSICOLÓGICAS

A escolha pela zona serrana e, em especial, no entorno do município de Vacaria (Lagoa Vermelha e Bom Jesus) parece ter ficado por conta da familiaridade de Enio com a região que passou a infância ao lado dos pais. Com relação a isso disse Luiz Heitor: “Não houve uma razão; houve, como sempre, em circunstâncias análogas, várias razões, inclusive de ordem prática” (CPF, 1959, p. 4). O que de certa forma explica a escolha. Porém, fica claro que, ambos desejavam documentar “a tradição genuinamente brasileira” (Ibidem, p. 4), da qual fazia parte, também, as manifestações afro-brasileiras, à revelia do interesse do secretário de Educação e Cultura pela “cultura luso-brasileira”. Isto fica explícito quando Enio adverte Luiz Heitor de quando deveria chegar: “Não se esqueça que seria oportuno estar aqui antes de 6 de janeiro, pois as Congadas de Osório se realizam nesse dia” (Carta 192/873).

Como visto anteriormente, razões político-ideológicas, de interesse do estado e de direcionamento das pesquisas de L.H. fizeram com que o foco das pesquisas fosse direcionado para a região serrana tida como “luso-brasileira” ou “genuinamente brasileira”, respectivamente, em detrimento da fronteira identificada como de forte influência castelhana. No entanto, gravações dos batuques de Porto Alegre e do Maçambique de Osório, foram feitas em comum acordo entre os pesquisadores, contrariando as indicações do governo, porém, satisfazendo a meta de espelhar o que compunha o mosaico brasileiro de contribuições de europeus, indígenas e negros.

Consta que a equipe saiu de São Paulo, dia 30 de dezembro de 1945, chegando a Porto Alegre dia 2 de janeiro. Estiveram em Osório em 5 de janeiro. Em Porto Alegre, entre os dias 7 e 14 e partiram para a Serra no dia 15 de janeiro, conforme carta escrita por L.H. endereçada à professora Joanídia Sodré, diretora da Escola Nacional de Música (CPF, 1959, p.8). As últimas gravações foram realizadas no dia 1º de fevereiro, sendo que de 3 a 25 do mesmo mês, a equipe carioca ficou retida em Porto Alegre por constantes greves que paralisaram o porto e a Viação Férrea Rio-grandense.

O acordo firmado entre o governo do estado (por meio da iniciativa da ARM e do protagonismo de Enio) e a Escola Nacional de Música (por meio do Centro de Pesquisas Folclóricas coordenado por Luiz Heitor)⁶, pre-

6 Na época a Escola Nacional de Música era dirigida pelo professor Sá Pereira.

viu a responsabilidade financeira do estado e ao Centro o fornecimento de pessoal e equipamentos técnicos, bem como de cópias de todos os discos gravados, a fim de serem arquivados na Secretaria de Educação e Cultura do RS (Ibidem, p. 7-8).

Com exceção da missão desenvolvida no estado, todas as demais, foram realizadas com o apoio da Biblioteca do Congresso Norte-Americano, que forneceu equipamentos, por meio da parceria firmada por Luiz Heitor e na contrapartida exigiu cópias das gravações para seu acervo. As gravações do estado são as únicas que não constam deste acervo.

O estado forneceu, ainda, suporte logístico de carro e motorista para as viagens desde o seu início: uma camionete de 12 lugares que transportou o “grupo electrógeno” (gerador de eletricidade) de propriedade da Escola, bem como uma “máquina gravadora” e outra de Washington, emprestada ao Centro, acessórios e bagagens pessoais (Ibidem, p. 8).

Graças a esse gesto do Governo do Estado, pudemos realizar uma colheita sem precedentes entre as que já temos feito em outros estados [grifo meu], pois ficávamos habilitados a realizar gravações nos povoados mais remotos, suprimindo a falta de energia elétrica com o nosso grupo electrógeno e dispensando meios de comunicação muitas vezes inexistentes. Assim é que pudemos obter documentação de alto valor em fontes puríssimas, como os povoados de Pinhal, no município de Vacaria, ou Governador, no município de Aparados da Serra, localidades onde não chegam as linhas telegráficas, onde não há agências postais, nem estradas de ferro, nem linhas de ônibus e cujas estradas de acesso tornam-se, com o mal tempo, impraticáveis (Ibidem, p. 8-9).

Enio de Freitas representou o governo na missão. Ao seu lado, nas viagens, esteve sua esposa, Ylah de Freitas e Castro.

Quando solicitado o auxílio (1945) o Rio Grande era então dirigido pelo interventor federal Coronel Ernesto Dornelles. A despesa calculada em réis, de Cr\$15.480,00 foi aceita pelo governo e a ARM recebeu a importância em 28 de maio do mesmo ano (Castro, s/d, p. 1). Quando da viagem, portanto em janeiro de 1946, havia mudado o governo, e a frente da Secretaria de Educação estava o médico e professor Ivo Correia Meyer, que segundo Enio

deu integral apoio ao empreendimento (Ibidem, p.1)⁷.

O saldo das gravações somou um total de 117 discos, sendo 30 deles gravados em Porto Alegre, 07 em Osório, 40 em Vacaria, 23 em Lagoa Vermelha e 17 em Bom Jesus. O número de documentos sonoros chegou a 269, uma vez que houve registros na mesma face de um disco, assim classificados: folguedos tradicionais (14), cerimônias negro-fetichistas (25), canto dos trovadores (28), cantos infantis (22), cantos diversos (78), música de gaita (45), música de bandônio (16), música de gaita de boca (3), música de violão (15), música de viola (1), música de cavaquinho (3), música de rabeca (2), conjuntos instrumentais diversos (16) e “inquérito com informadores” (1) (Ibidem, 9-12).

Enio, em *Notícias sobre uma pesquisa de folclore musical no Rio Grande do Sul* (s/d), diz que estavam bem equipados e com pessoal suficiente para trabalhar. Avaliando a estada nos diferentes municípios, chama atenção o comentário em relação a Osório e Porto Alegre, segundo ele, “coroadas do melhor êxito” (p.2). No entanto, realizadas com certa dificuldade, conforme disse:

Em Osório foram feitas gravações das ‘Congadas’, mas não se conseguiu grande êxito porque os negros se mostravam muito desconfiados. Entretanto temos bons discos, embora em pouco número (Ibidem, p. 2).

Situação análoga parece ter enfrentado nas gravações dos batuques de Porto Alegre:

Primeiro tivemos que assistir uma sessão. Depois convencer o pai ou mãe de santo da seriedade de nossas intenções (...), assim como de seus seguidores, até convocar uma sessão especial, só de música, para podermos gravar. E isso sempre pela noite a dentro (Ibidem, p. 2).

Nos municípios da Serra, munidos de recomendações para os prefeitos municipais do secretário do interior, desembargador João Alves Nogueira, viajaram com certa tranquilidade e realizaram ótimas gravações segundo o relatório (Ibidem, p. 3-4). Esta região somou o maior número de fonogramas, de fato.

7 Os *Balancetes da viagem ao Rio Grande do Sul* (1946), assinados por Luiz Heitor trazem a contabilidade detalhada dos gastos da equipe.

Sobre a qualidade das gravações realizadas Luiz Heitor disse que, de modo geral, eram “um tanto precárias”. Enfatizou as dificuldades impostas pelo período da guerra na obtenção do material para as gravações (CPF, 1959, p. 3): discos à base de vidro e gravadores portáteis, bem como a dificuldade de transporte relacionado aos mesmos. Segundo Enio, pretendia-se enviar cópias dos discos também para a Discoteca Municipal de São Paulo, para disponibilizá-los fora de Porto Alegre e Rio de Janeiro (Castro, s/d p. 3), o que ao que parece não ocorreu. Na verdade, as cópias do RS foram todas perdidas, fazendo com que a única coleção existente hoje se encontre no Rio de Janeiro⁸.

Finalizando sua avaliação, o professor Enio F. e Castro, reafirmou o valor do empreendimento:

Foi essa a primeira recolha de folclore musical no Rio Grande do Sul. Abrangeu uma área relativamente pequena do estado, mas pela sua importância, pelo resultado útil que dela tiramos, deve servir de estímulo e exemplo para que outras se realizem. Poderemos assim defender melhor uma parte importante de nosso legítimo patrimônio cultural (Ibidem, p. 3-4).

Luiz Heitor, por sua vez, em agradecimento à acolhida no estado, finalizou seu relatório à direção da Escola de Música dizendo⁹:

Estimaria que V.S., como diretor desta Escola manifestasse a essas altas autoridades o reconhecimento de nossa instituição pelo tratamento dispensado a dois de seus membros, que tiveram a fortuna de colaborar com o Governo do Rio Grande do Sul em pesquisas destinadas conhecer o povo e as tradições populares desse grande Estado (CPF, 1959, p. 13).

8 O descaso fez com que os últimos exemplares se encontrassem no Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

9 Quando do relatório a Escola estava sendo dirigida por Joanídia Sodré. A data indicada por L.H. é 27 de fevereiro de 1946.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações para as pesquisas de Luiz Heitor no estado partiram de um marco conceitual nacionalista, uma vez que, além dele, Mário de Andrade também realizou viagens visando registrar a paisagem folclórico-musical do país. Além disto, é preciso situar estas iniciativas no contexto histórico das décadas de 30/ 40 do século passado e relacioná-las ao governo nacionalista de Getúlio Vargas, bem como às diretrizes adotadas durante a segunda guerra mundial em um âmbito internacional, de maneira que possamos compreender as tratativas e negociações que possibilitaram de serem realizadas. Aqui, em especial, a missão ao estado do RS, foco do nosso interesse.

O Brasil e o mundo, a partir dos anos 30, viveram um período ideológico propício aos empreendimentos nacionalistas. Desde a década de 30, com a posse de Getúlio Vargas, surgiram iniciativas como a reforma universitária que trouxe aos cursos de música, a disciplina de folclore e o apoio às pesquisas do folclore nacional. Na música, colaboraram nomes como Villa-Lobos, engajado no governo Vargas e Mário de Andrade, que à frente do Departamento de Cultura de São Paulo, iniciou projetos de coletas de folclore no nordeste ainda em 1937. Luiz Heitor, pela Escola de Música, realizou suas viagens ao Ceará, Goiás, Minas Gerais e o Rio Grande. Seus contatos anteriores na Biblioteca do Congresso, com Alan Lomax, o instruiu nos métodos e técnicas de documentação em arquivo e encaminhou o convênio da instituição com a parceira no Brasil. Com M. Herskovits surgiu o interesse pelo universo musical afro-brasileiro (Zamith, 2008, p. 43-7). Porém, quando esteve no RS, o convênio com a Biblioteca de Washington já havia finalizado ante a crise financeira americana, entretanto, um dos gravadores da instituição estava sob a guarda do Centro de Pesquisas (Aragão, 2005, p. 138). Quanto às abordagens todos os folcloristas de formação musical se aliaram ao chamado “movimento folclórico nacional” (Vilhena, 1997), baseado nos ideais nacionalistas.

Na época, os pensadores Oliveira Vianna, Gilberto Freire, entre outros, destacavam-se na análise social do país e no desejo de modernização. O período pós 1930 foi rico em instaurar essa modernização e o sociólogo Oliveira Viana foi o principal mentor do governo Vargas. Como membro dele, apoiou uma série de ações corporativistas e paternalistas de ordem social, bem como, de difusão de sentimentos republicanos e nacionalistas (Englander, 2009). No livro *Populações Meridionais do Brasil*, de 1920 (2 vol.), Viana (1973, 1974) analisa a formação social do centro-sul brasileiro, baseada no tipo social do matuto, base do pensamento de Luiz Heitor e de suas ações.

O Rio Grande do Sul, anteriormente a essa época, era visto como uma espécie de prolongamento da Região do Prata, inclusive pelo próprio Viana que, com *Populações Meridionais* reformula seu pensamento. Outros intelectuais como Capistrano de Abreu, João Ribeiro e Basílio de Magalhães também o fizeram (Reverbel, 1984, p. 11-2). Esse viés de ligação do estado às tradições herdadas do centro-sul brasileiro é que vai redimi-lo da excomunhão dentro do ideário nacionalista.

Segundo as próprias palavras de Luiz Heitor: “Com esta quinta publicação dedicada aos trabalhos realizados em 1946 no estado do RS, fica encerrado o inventário das gravações obtidas pelo Centro em várias regiões do país, durante a primeira fase de sua existência” (CPF, 1959, p. 3). Ou seja, o plano de mapeamento começado por Mário de Andrade no nordeste, e continuado por ele no Ceará, ampliado pela região centro oeste (Goiás) e sudeste (Minas Gerais) deu-se por concluído. Aliás, esse sentimento de continuidade fica claro quando noutra publicação do Centro, disse (CPF, 1944, p. 6): “E hoje cabe à Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil a iniciativa de renovar essas coletas e ampliá-las (...)”.

Assim, por exemplo, concluindo sobre a tese da brasilidade do estado, comparou a região da serra visitada à experiência dividida com Renato de Almeida em Goiás:

A zona da serra que percorremos é essencialmente uma continuação do que abrange São Paulo, parte de Minas, Sul de Goiás e Mato Grosso, vindo (pensava eu), até o Paraná. Vejo agora que ela cobre todo o planalto, e morre com ele. A viola já desapareceu, a Moda não é conhecida, mas o canto a duas vozes é de rigor, fazendo a segunda a parte superior, com ênfase especial nas terminações e intercalação de sons vogais, como uai, uai (muito comum); enfim tudo como se tratasse daquelas Modas goianas que ouvimos cantar (CPF, 1959, p. 4-5).

Por isso escolheram a região serrana, que como disse, poderia parecer estranha (e parece que provocou reações, mesmo) pela inexpressividade ante o “Rio Grande clássico” da região fronteira. Porém, a aposta foi na busca de um Rio Grande brasileiro acima de tudo, em detrimento de outro acastelhado. Também a sua apreciação do estudo das décimas, feito por Dulce Lamas, enfatizou a origem brasileira e paulista, principalmente, desses cantos improvisados e não pelo contato com argentinos ou uruguaios. Para ele, a décima seria “(...) com efeito, a réplica rio-grandense da moda

de viola paulista” (Ibidem, p.5). Enio de Freitas irá dar continuidade a essa busca “pelos caminhos das tropas” em pelo menos dois trabalhos posteriores (Castro, 1942 e 1954).

Da mesma forma, assim se referiu às gravações dos “folguedos ou ritual religioso das comunidades negras de Osório e de Porto Alegre” (CPF, 1959, p. 5) e, em especial, sobre as gravações do batuque de Porto Alegre, quando disse que: “(...) mostram como foi acertado realizar essas gravações, que à primeira vista podiam parecer paradoxais: música negra em território gaúcho” (Ibidem, p. 6).

Apesar de tudo, é evidente o descaso dos jornais porto-alegrenses aos roteiros afro-brasileiros do pesquisador. Em notícia na coluna “Notas de Arte”, do Correio do Povo de 06 de janeiro de 1946, um dia após a equipe ter estado em Osório gravando os Maçambiques, a matéria mencionou sua chegada e de que o mesmo veio “(...) para a colheita de cantos e música instrumental brasileira em suas fontes mais puras”, nenhuma menção ao fato. Antes da sua chegada, o mesmo jornal (01/01/ 1946) citou a pesquisa realizada por Dante de Laytano, a respeito das Congadas em Osório (1945) e da importância dessa pesquisa sem, no entanto, mencionar o interesse de Luiz Heitor em realizar pesquisas na região. Assim também o fizeram (desinteressadamente) outras matérias, de caráter geral, publicadas no período da missão (Diário de Notícias, 06/ 01/1946; Correio do Povo, 27/01/1946). Seria o roteiro afro-brasileiro, segredo mantido entre Enio e Luiz Heitor para o bom andamento da documentação, ante as recomendações do financiador da missão? Ou “essa questão dos negros talvez não estivesse nesse caso” (como disse o secretário), na pauta de interesse e expectativa da opinião pública de fato?

Em: *Notícias sobre uma pesquisa de folclore musical no Rio Grande do Sul* (Castro, s/d), espécie de relatório da missão, Enio deixa claro que “(...) um dos objetivos da coleta eram as ‘Congadas’ de Osório, por isso os técnicos da Escola só vieram nas férias de 1946, a tempo de estar em Osório no dia 5 de janeiro (...)” (p.1). O mesmo interesse em relação às “cerimônias negro-fetichistas”, que segundo outro relatório, agora de Luiz Heitor, indicou que gravaram os batuques por recomendação do antropólogo Melville Herskovits (CPF, 1959, p. 8). Parece que as duas perguntas apontam uma única resposta: a “questão dos negros” não estava na pauta da sociedade gaúcha e brasileira da época, apesar da efervescência dos estudos afro-americanos no Brasil e mesmo no estado, por meio de figuras como Dante de Laytano e Enio F. e Castro (1945), e outros sob o impacto de M. Herskovits e Alan Lomax.

Ambos os pesquisadores, concordaram quanto às metas alcança-

das, afora todas as dificuldades enfrentadas, e me parece que Enio F. e Castro sintetizando o que representou as motivações, tratativas e negociações do ideário nacionalista praticado na missão gaúcha, disse por meio da pergunta a seguir que se fez e tratou logo de responder:

Será a música popular riograndense um fator de integração nacional? Certamente que sim, embora divergindo bastante da música popular brasileira. É fator de integração nacional, porque, como vimos, se está moldando sobre a vida gaúcha, e o Rio Grande do Sul é bem um pedaço do Brasil. Fator de integração nacional, ainda, pela diferenciação internacional. Nada encontramos, por exemplo, que se aparente ao tango argentino, e ainda um dia destes ouvi música típica do Paraguai – inteiramente diversa da nossa. **É a força de encontrar o que é nosso que faz com que a música riograndense seja brasileira** [grifo meu] (Castro, 1942, p. 391).

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Pedro de Moura. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e o mapeamento musical brasileiro. In: CONGRESSO DA ANPPOM, XV., Rio de Janeiro, 2005. *Anais ...* Rio de Janeiro, 2005, p. 1402-07.
- _____. *Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e os estudos de folclore no Brasil: uma análise de sua trajetória na Escola Nacional de Música (1932-1947)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Música) - PPG Música da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- BARROS, Felipe de. Metodologias de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo: construindo um acervo fonográfico. In: CONGRESSO DA ANPPOM, XVIII., Salvador, 2008. *Anais ...* Salvador, 2008, p. 270-274.
- _____. *Construindo um acervo etnográfico musical. Um estudo etnográfico sobre o arquivo de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, seu método de campo e documentação produzida durante suas viagens a Goiás (1942), Ceará (1943) e Minas Gerais (1944)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) - PPG Música da UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.
- BRAGA, Reginaldo Gil. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e a primeira gravação etnográfica do batuque do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABET, II., Salvador, 2004. *Anais ...* Salvador, 2004.

CASTRO, Ênio de Freitas e. *Música Popular do Rio Grande do Sul*. In.: *Rio Grande do Sul: Imagem da Terra Gaúcha*. Porto Alegre, Editora Cosmos, 1942. p. 386-391.

_____. *Notícias sobre uma pesquisa de folclore musical no Rio Grande do Sul* (material não publicado), s/d. 4 p.

_____. *As Cavalhadas de Vacaria*. Porto Alegre, Comissão Estadual de Folclore do RS, 1954.

CENTRO DE PESQUISAS FOLCLÓRICAS. *Publicação nº 1. A Escola Nacional de Música e as pesquisas de folclore musical no Brasil*. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música, 1944.

_____. *Publicação nº 2. Estado de Goiás*. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música, 1950.

_____. *Publicação nº 3. Estado do Ceará*. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música, 1953.

_____. *Publicação nº 4. Estado de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música, 1956.

_____. *Publicação nº 5. Relação dos Discos Gravados no Estado do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Música, 1959.

ENGLANDER, Alexander D. Anton Couto. *O Pensamento Social de Oliveira Vianna e a Cidadania no Brasil – 1920 ao fim da década de 1940*. *Revista Habitus* (revista eletrônica), Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 5-23, dez. 2009.

LAYTANO, Dante de. *As Congadas do Município de Osório*. Porto Alegre, Associação Riograndense de Música, 1945.

MENDONÇA, Cecília de. *A Coleção Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e os Estudos de Folclore no Brasil*. 2007. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Memória Social) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil*. 2009. Porto Alegre, Tese (Doutorado em Música) - PPG Música da UFRGS, Porto Alegre, **2009a**.

_____. *Ouvindo Luiz Heitor: primeiras gravações em áudio realizadas em campo na década de 40 retornam aos maçambiqueiros de Osório, RS, Brasil*. *Revista Música e Cultura*. Revista On-line de Etnomusicologia n 4. 2009b.

REVERBEL, Carlos. *Pedras Altas. A vida no campo segundo Assis Brasil*. Porto Alegre, LPM, 1984.

VIANA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*, volume 1. Petrópolis, Paz e Terra, 1973.

_____. *Populações Meridionais do Brasil. O Campeador Rio-Grandense*, volume 2. Petrópolis, Paz e Terra, 1974.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro, FUNARTE-FGV, 1997.

ZAMITH, Rosa Maria. Arquivos de Música de Tradição Oral. In.: ARAÚJO, Samuel e CAMBRIA, Vincenzo (orgs.). *Música em Debate: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro, Mauad X: FAPERJ, 2008.

Jornais

Correio do Povo: 01/01/ 1946; 06/01/1946; 27/01/1946; 21/6/1977.

Diário de Notícias: 06/01/ 1946.

Correspondências

Carta 183/ 864 de Enio F. e Castro para Luiz Heitor (30 de novembro de 1944).

Carta 192/ 873 de Enio F. e Castro para Luiz Heitor (5 de dezembro de 1944).

Departamento de Folclore. Circular nº 1 (Porto Alegre, março de 1943).

Documentos

Balancetes da viagem ao Rio Grande do Sul. Centro de Pesquisas Folclóricas. Escola Nacional de Música, Universidade do Brasil. 1946.

Recebido em 10/2/2016

Aprovado em 18/6/2016